

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCADE À CAUSA DA PATRIA

2.º ANNO

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 70

BRAGA 16 DE JULHO DE 1872

A religião e a politica.

Ha ahí um principio que, acobertando-se com a capa da verdade, não é outra coisa mais do que a expressão da falsidade. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escreptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escreptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escreptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

Dizei, antes que o culto externo é obra de fanatismo, e que a Igreja Catholica, unica depositaria da verdadeira Religião, não é uma verdadeira sociedade, superior a todas as outras, e com direito a legislar sobre ellas no que diz respeito a tudo que pertence á gloria de Deus e salvação dos homens.

Retirai a Religião da Politica, ou antes, professai o principio milhares de vezes condemnado «Igreja livre no Estado livre» e vereis como o protestantismo campea e o Racionalismo, que é d'aquelle a ultima consequencia logica, estende ao longe seus dominios.

São consequentes os modernos politicos quando querem que a Religião não se meta na politica; pois que para já fica sancionada toda a lei que menos fóros tenha de justiça.

De igual, em absurdos, corre a segunda parte do principio que a «Politica não tem nada com a Religião».

Era preciso que não fossemos homens de crenças, isto é, homens, para que aquelles que nos governam em nome d'um principio não nos apresentassem santificado com os preceitos religiosos.

Parece incrível que houvessemos chegado a um tempo em que alguns dos que se dizem catholicos professam doutrinas tão perniciosas do bem social.

Não é sem razão que os pseudo-philosophos querem que vingue na sciencia e na legislação a falsa e desastrosa maxima de que «a politica não deve ter nada com a Religião» traducção genuina d'aquella outra «Igreja livre no Estado livre».

Como ha-de ser boa a politica se os seus principios não forem capazes de bem governar; e como ha-de governar bem se á força moral, de que precisamos para dominar vontades e subjugar intelligencias, está na Religião?

Agora comprehende-se o motivo porque o clero está desprezado, senão injuriado, a religião escarnecida; agora sabe-se a razão porque não querem que o Pontifice seja Rei e os padres não gozem dos privilegios e direitos de cidadãos.

E quando o representante do Catholicismo e, por isso, da Religião, levanta a voz para anathematizar o erro e reprehender os que se esquecem dos povos, confiados á sua vigilancia, deixando-os caminhar para o abysmo, os estadistas e com elles toda a imprensa anti-religiosa e anti-social, gritam:

Abaixo a reacção! invadem-nos a nos-

sa espera; não queremos ninguem acima de nós!...

Insensatos! não querem que Deus lhes seja superior — *recede a nobis*, mas, sim, Satanaz.

O que fomos e o que somos

Compulsemos as paginas brilhantes da nossa historia, onde em letras d'oiro se veem gravados os nomes de nossos avoengos; e a esses heroes, que, por unico monumento para eternisar seus nomes na posteridade nos deixaram seus feitos e nos legaram suas glorias, perguntemos-lhes:

O que fomos?

Fomos grandes, fomos temidos e respeitadnos, nos dirão.

Portugal, em torrão do occidente da Europa, conquistado a troco do sangue de milhares de portuguezes, foi outr'ora temido e respeitado, quando seus filhos, inspirados d'um fervoroso zelo religioso e animados pelo ardente amor da patria e do seu rei, militando á sombra do glorioso estandarte da Cruz e das Quinas, atravessaram mares até então nunca passados para irem ao novo mundo, como se julgassem pequena para tão grandes heroes a terra onde nasceram, arvorar a bandeira da Cruz, levar a verdadeira religião, a religião do Crucificado, a religião de tantos martyres, avassallar reis e descobrir esses grandes imperios que tanto nos engrandeceram.

Fomos grandes — nol-o dizem os vencidos d'Ouirique, d'Aljubarrota, Montijo, Badajoz, Bussaco, Montes-Claros e Tolosa.

Fomos grandes — nol-o diz Goa, Ormuz, Diu, Malaca e o Brazil — esses theatros da nossa gloria, essas fontes da nossa riqueza, onde Portugal bebia o oiro que consumia nos magnicos zimbórios de Mafra, templos de Belem e Batalha e outros quejandos monumentos, admiração de nacionaes e estrangeiros, onde se leem os nomes de nossos avós e echoam seus feitos — as antigas glorias de Portugal.

E o que somos nós hoje?

Que nos resta do nosso antigo esplendor e gloria?

Nada — vos responderá Centa, Olivença, Diu e as demais praças e ilhas que para deshonra nossa já perdemos e estamos para perder.

Nada — vos responderá o Brazil, esse imperio separado de sua mãe-patria, que, desde que alcançou a sua independencia com manifesto prejuizo do nosso commercio, nos não envia os seus productos senão a troco de exageradas sommas.

Nada — vos dirá a Zamberia, onde um pequeno regulo zomba e escarnece d'um povo que humilhou e avassallou reinos e imperios.

Nada — finalmente vos responderão as casas bancarias de Inglaterra, onde Portugal contrahe seus emprestimos com avultadissimos juros, dando em penhor as possessões que ainda lhe restam.

E porque este estado de decadencia e miseria a que hoje estamos reduzidos?

Hoje nos paços dos reis só se ouve o ruido das festas; na embriaguez dos banquetes, nos passeios escusados, nos divertimentos improprios e aviltantes da dignidade austeria da realza não se lembram das tradições gloriosas de seus avós, nem das necessidades do seu povo que geme sobrecarregado, a mais não pôde ser, de tributos, que apezar d'isso crescem de dia para dia.

Os sediciosos, que, manejando a arma da intriga só crusam as armas nas luctas civis, estão elevados ás mais altas regiões do poder.

O sacerdote, o homem immunado, o ministro de Christo, deslembado da sua alta missão, manchado ainda (quem sabe?) da orgia da noite passada entra no templo do Senhor mirando unicamente a ambição e o interesse: e é infelizmente d'estes que nós vemos occupar os mais altos cargos dignatarios da Igreja.

O luxo campea; a liberdade é substituída pela licença; a honra é vendida por dinheiro; offendem-se e desprezam-se as ideias e habitos nacionaes; calcam-se aos pés os direitos mais sagrados; e derrubam-se as instituições mais santas, solidas e dignas de se guardarem.

A unica joia que hoje nos resta da grande herança, que nos legaram nossos maiores é o nome de — *Portuguezes* —.

Façamos por lhe dar aquelle brilho e gloria a que nossos avós o elevaram.

Ponhamos todos a mira n'um só alvo: todas as nossas aspirações se dirijam a remediar os males que affligem a nossa patria; e por uma sa politica procuremos dar-lhe o antigo esplendor, que fez pronunciar com respeito e admiração o nosso nome em todas as nações do mundo.

Seja assim: e seremos os portuguezes d'outr'ora.

Luiz de Novaes.

O imperio d'Alemanha e o Papa diante da «Gazeta de Colonia»

Lêmos em um artigo da «Gazeta de Co-

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1\$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

lonia) — «sem duvida alguma o novo imperio da Alemanha fará a guerra contra a Omnipotencia Papal com não menos energia que os gloriosos *Hohenstaufen*».

Uma folha allemaã tão illustrada, ignora a historia d'Allemanha! lembrar-lha não nos parece assumpto mal escolhido, e sobre tudo elle não deve agradar muito ao imperador Guilherme —.

Em politica importa menos conduzir uma guerra com energia do que conduzi-la a bom fim seja pela causa de que se trata seja pelo interesse pessoal do author de tal guerra —.

Ora debaixo d'este ponto de vista a lembrança dos *Hohenstaufen* não poderá agradar aos allemaes e muito menos á dinastia imperial dos *Hohensolern* —.

A casa dos *Hohenstaufen* ou de *Sonabe* — inaugurou a sua aparição na historia pela usurpação das possessões dos *Guelfis* — e ella provocou desde logo longas guerras civis em Allemanha —.

Conrado de Hohenstaufen começou a lucta contra o Papa; tendo querido usurpar a coroa de Italia elle ficou vencido e teve de implorar perdão ao imperador *Luthero* —.

O mesmo *Conrado* — elleito mais tarde imperador quiz fazer estabelecer pela dieta de Ratisbona a hereditariedade da coroa imperial em favor de sua familia e viu malogrado o seu empenho —.

Seu successor *Frederico Barbaroxa* fez cinco expedições contra a Italia e experimentou a famosa derrota de *Lignano* que fez triumphar a causa das cidades *Lombardas* e do Papa.

A decima sexta expedição pacifica tinha por fim fazer sagrar seu filho *Henrique* pelo Papa que se recusou a isso —.

Sua submissão inteira e a crusada que elle surprehendeu contra os turcos terminaram sua carreira —.

Seu filho *Henrique 6.º* astucioso e cruel contemporizou com o Papa e o fim de obter seu consentimento á hereditariedade do imperio; — o Papa lhe resistiu como seus predecessores tinham resistido ás solicitações de *Conrado* e de *Frederico* —.

O imperador seguinte *Frederico 2.º* de *Hohenstaufen* — não deveu sua elevação ao throno senão ao Papa que o protegeu contra seu concorrente *Othon* —.

Apenas subiu ao throno *Frederico* cahiu nos mesmos erros de seus antecessores —.

Todas as suas guerras toda a sua diplomacia soffreu cheque pela resistencia energica do Papa e seus aliados —.

Seu nome, objecto de terror durante sua vida, cahiu em descredito depois da sua mor-

Estado: a qual em summa dizia: — Conhecendo cabalmente que a antiga Constituição Portugueza encerra todos os elementos necessarios para a conservação da nossa Santa Religião, da magestade do throno, da segurança de todos os direitos individuaes a todos os vassallos, e da boa ordem na administração publica; tendo ouvido o meu Conselho d'Estado, hei por bem declarar a antiga Constituição Política.

Assim foi El-rei o Senhor D. João VI restituído aos seus direitos, para o que concorreu muito a coragem de seu filho o Senhor D. Miguel; mas a rebellião, que tinha sido vencida á luz do dia, recorreu ás trevas. Agentes da intriga e espiões politicos a coadjuvaram nos seus designios: atam-se de novo os fios; o trama se urde; triumpho a rebellião. Um rei veneravel é arrancado do seu palacio, e conduzido para bordo d'uma não estrangeira; e o preço da sua liberdade será a escravidão do seu povo, e o desterro d'um filho seu libertador. Entretanto o principe dispõe do exercito; Lisboa o adora, e o povo todo está ás suas ordens: mas falla um monarcha, o principe só quer obedecer: sabe que nunca um filho se abate quando ajoelha aos pés d'um pai; tranquillo, resolutivo como no momento do seu triumpho, sujeita-se, e parte resignado. A rainha ficou como banida, o principe em desterro, e o monarcha cercado de inimigos. A fraude, a mentira, a accusação, tudo foi posto em pratica, para ruina do herdeiro do throno.

A 15 de Julho de 1824 mandou o Senhor D. Pedro uma carta a seu Pae o Senhor D. João VI, o extracto da qual é o seguinte:

«Vossa Magestade já quanto antes deve reconhecer a independencia do Brazil... Posso assim fallar; pois de Portugal já disse a Vossa Magestade não queria nada... O reconhecimento será feito, ou mais tarde, ou mais cedo; pois os Brazileiros, e eu seu imperador não mudaremos de tenção, e antes morreremos com a espada na mão uma vez que juramos independencia, ou morte... Eu como Imperador e Vossa Magestade como Rei estamos em guerra; devemos sustentar os direitos das nações independentes de que somos chefes». Ao escrever estas palavras a penna me quer cair da mão!

Em 29 d'Agosto de 1825 fez-se um tratado entre Sua Magestade Imperial, e Sua Magestade Fidelissima, relativo ao reconhecimento do Imperio do Brazil; e em 15 de Novembro do mesmo anno, passou o Senhor D. João VI uma carta de lei, pela qual levava ao conhecimento do seu povo o tratado, pelo qual transmittiu todos os seus direitos sobre o Brazil, que já tinha elevado á dignidade de reino, ao seu filho o principe D. Pedro, reconhecendo a sua independencia debaixo do nome de Imperador, etc.

Foi por este tratado que se verificou pela primeira vez o capitulo 1.º do Estado da Nobreza nas côrtes de Lisboa de 1641,

licas, que se não oppozerem á constituição, e precedendo approvação das côrtes, contiverem disposição geral».

Este artigo estabelece a confusão nos poderes, sujeitando o espirital ao temporal, e o pontifice e o rei á autoridade democratica. Acaso ficarão sujeitos á autoridade particular d'um principe secular os actos de religião, emanados da autoridade suprema? Acaso serão julgados por nulos, ou validos os concilios, e as bullas apostolicas sem differença de dogma a disciplina? Não bastava que se impossesse ao Estado o jugo d'uma nova instituição, mas ainda mais que Igreja ficasse sujeita ao pacto que o ausente D. Pedro promulgou e decretou? Se para o homem politico a maior das infelicidades é obedecer a um governo estrangeiro, para o homem religioso o maior mal é ver a Igreja opprimida.

A liberdade ecclesiastica é o vinculo da liberdade civil; quando o inimigo do genero humano quer destruir os Estados começa por persuadir aos principes, que é vantajoso destruir esta liberdade.

O Senhor não deu aos chefes das sociedades civis o poder de instruir os povos nas coisas da fé; não recommendou aos seus ministros que não ensinassem as verdades reveladas senão sujeitando-as ao exame dos principes da terra. Elle préguo diante da multidão sem pedir licença a Herodes ou a Pilatos, mas recebendo unicamente a sua missão de seu Divino Pae. Escolheu os seus apóstolos, sem alcançar

ao bem d'este Reino, atalhar a estes males e damnos, fazendo V. M. lei em que determine: — Que succedendo fallecer algum dos reis d'este Reino sem filhos, e deixando filhas, succeda a seu pae a filha mais velha; e, não sendo casada, seja obrigada a casar com portuguez parente seu mais chegado; e sendo a tal filha já casada com principe que não seja portuguez, não possa succeder a seu pae, e n'esse caso succeda a outra filha mais velha, na forma que a outra havia de succeder; de sorte que não havendo filha que seja casada, ou possa casar com portuguez; fiquem todas excluidas da successão, e succeda no reino o parente varão mais chegado ao ultimo possuidor, e preceda o macho á femea, por assim ser mais conforme ao que n'esta successão se pretende.

Nestas côrtes o Estado Ecclesiastico no capitulo 1.º, e o da nobreza no cap. 35, proproseram a El-rei: — Que por importar muito ao bem universal, e particular d'estes reinos, os reis que houvessem de succeder n'elles, jurassem antes de serem levantados, todos os privilegios, liberdades, fóros graças e costumes, que os reis seus predecessores lhes concederam e juraram: e lhe pediram, lhes fizesse a merec mandar, que todos os reis que houvessem de succeder n'elles, fizessem pessoalmente, antes de serem levantados, o mesmo juramento: e acontecendo estarem fóra de Lisboa no tempo que succedem, fizessem o tal juramento no lugar em que primeiro

te e o poder da sua casa estava irrevogavelmente despedaçado.

Seu filho Conrado 4.º morreu miseravelmente na Italia, e Conrado filho de Conrado morreu em Nápoles no cadafalso. Aqui acabou a historia da casa de Sonabe.

Assim todas as magnificencias e esplendores dos Hohenstaufen duraram um seculo, seu projecto de humilharem o Papa e de fazerem d'elle um instrumento da sua dominação voltou-se contra elles; elles nunca conseguiram nem fazerem-se imperadores do Occidente como queria Barbarossa nem a fazerem imperadores do Oriente como meditava Frederico 2.º.

Suas possessões foram divididas por aquelles a quem tinham despojado; o Papa tornou-se mais poderoso que nunca e elles deixaram o imperio d'Allemanha entregue á dilaceração mais horrivel! —

Eis aqui em poucas palavras a legenda dos Hohenstaufen tão desgraçadamente citada pela «Gazeta de Colonia».

O imperador Guilherme não deverá ter inveja de sahir tão bem para com o Papa como os Hohenstaufen?!

(Do Constitutionel de 29 de junho de 72.)

A redacção do «Futuro»

Londres, 2 de Julho, 1872.

Os papeis anti-legitimistas, e anti-catholicos (que hoje são synonymos) tem feito muita bulha com a vantagem que o celebre Moriones, da famosa Oroquieta, obteve recentemente contra Carasa na Navarra. Essa vantagem é confessada pelos Carlistas como um facto; porém está mui longe de ter o alcance ou a importancia que os Amadeístas lhe querem dar. Eis aqui o que me escrevem, em data de ante-hontem, 30 de junho, de logar onde se está bem informado: tenho razões para não dizer precisamente o sitio donde me vem a carta: —

«Se não tenho hoje» (30 de junho) «noticias militares a comunicar-lhe, não conclua d'ahi que é porque as cousas vão mal. E' bem sabido, que a guerra actual da nossa parte não póde por ora ser mais que uma successão de marchas e contra-marchas, de pequenos combates, destinados a fatigar as tropas do inimigo, ou do Governo. E' evidente, que os Chefes Carlistas de vem limitar-se a esta tactica, e não aceitar batalha formal em condições desfavoraveis. Se algumas vezes aceitam combate mais sério, é por dar a seus soldados uma satisfação de amor-próprio, e mostrar o que estes valem.

«Eis ahí o que aconteceu com Carasa ultimamente, que não quiz recuar sem combater quando não tinha quasi probabilidade alguma de levar a melhor no combate. As perdas são sensiveis, e quasi iguaes dos dois lados, apesar de que a força inimiga era quasi dez vezes maior que a dos Carlistas.»

Depois d'isto, dizem-me na carta, que os progressos Carlistas na Catalunha são agora os mais notaveis, e d'ahi se esperam resultados consideraveis em favor da causa legitima; especialmente, attendendo-se ao estado das cousas em Madrid, em consequencia da entrada dos Radicaes para o poder, etc. A este respeito, é importante o seguinte telegramma de Madrid, em data de hontem, publicado hoje no «Times»: — «Numa reunião dos ex-Ministros e dos Membros da maioria das ultimas córtes (dissolvidas por Zorrilla), adoptou-se uma reso-

lucão, em favor de abstenção em tomarem parte nas eleições proximas os partidarios do Governo demittido.» — Isto, com a divisão ulterior que occasionará tambem a declaração de Montpensier em sentido Alfonso, ha de crear aos Zorrillistas difficuldades que lhes hão de custar a sobrepujar; e que hão de ser favoraveis á causa legitima.

Na Catalunha não ha duvida que as cousas vão bem para os Carlistas, e d'isso tenho eu proprio noticia positiva, na carta d'um inglez que me escreve d'ali as seguintes linhas, breves, mas significativas:

«Marensa, 27 de Junho.

«Meu caro Snr. Saraiva. — V. sabe, provavelmente, que D. Carlos está em...» (suprimo eu o nome do logar, por me parecer assim conveniente). «povoação na fronteira. Cada dia se espera que torne a apparecer á testa de novas forças. Tudo va bem em Catalunha. Achem-se com Tristany 20 zoavos Pontificios. A manha de madrugada vou partir para Vique. — De V. am.º, etc. — N.º» — Eis ahí a simples carta; por obvias razões suprimo o nome do escriptor, mas vai traduzida fielmente.

A. R. Saraiva.

O «Bracarense», as «Novidades» e o «Futuro».

(Communicado)

Ha aqui, amigos redactores, grande indignação por causa de duas locaes do «Bracarense» de 4 do corrente; uma a respeito das «Novidades», outra a respeito do «Futuro»: que terriveis ameaças aquellas! que golpe mortal terá o «Bracarense» a descarregar sobre o pobre partido legitimista! temi e tremi legitimistas todos, que o caso é serio!

Em outro tempo o «Bracarense» parecia em suas columnas um Hercules em defesa da Igreja: os diferentes ministerios e ministros liberaes que invadiam os sagrados direitos da Esposa de Jesus, varios filhos da viuva que trabalhavam em sua obra, eram por elle devidamente stigmatizados e impugnados; mas agora, depois que foi... governamental, *quam mutatus ab illo!*; e, acaso, o actual ministerio será mais catholico, respeitador da Igreja, que seus antepassados? não existem, ahí, no mesmo direito da força os decretos e as leis da liberdade liberal contra a liberdade catholica?.. que se disse, lá, nas córtes, quando uma donzella illustre entrou as portas do claustro? quem respondeu áquellas estultas declamações? e não estava lá...? que devemos pensar pois, d'aquelle exterior zelo do «Bracarense» d'out'ora em pro da Igreja, em presenca de seu actual silencio?... seria um meio para...?

Silencio!! ha mais alguma: o «Bracarense» agride as «Novidades» d'um modo assustador; e carregando a sobranceira faz-lhe advertencias severas; e porque? porque uns meetingueiros do Porto juraram «atirar» aos Jesuitas, e lutar braço a braço contra elles; representaram ao governo, e o sr. ministro do reino *louva taes sentimentos*, affirma que a reacção Jesuitica ameaça invadir o centro das familias, perturbar a paz domestica pela insinuação de doutrinas perigosas, que pervertem as consciencias timoratas, e offendem a pure-

za dos costumes... Havia muito que dizer sobre isto; mas os catholicos sabem muito bem o que aquillo é, o que é a decanada reacção Jesuitica, um ministro do governo, redactor da «Revolução de Setembro», vigiando a insinuação de doutrinas perigosas etc. etc. e os irmãos tambem sabem o que fazem, e por isso ninguém ignora: as «Novidades» analisa tal documento, e defende a doutrina catholica, e por este motivo o «Bracarense» chama a sua linguagem descomedida em uma local o mais descomedida, porque n'ella nos falla de tempos felizes de Miguel Alcaide:

«Quem seria este Miguel, Alcaide aqui metido tanto a proposito? é d'esperar que o «Bracarense» nos esclareça em sua linguagem tão comedida e tão cortez.

Falla tambem «do favor com que o partido realista tem sido tratado em suas columnas»: creio que não ignora o motivo d'esse favor d'out'ora; só digo ao «Bracarense» e a todos que o partido realista não precisa que o tratem com favor, só quer que o tratem com justiça.

Mas Sr. Redactor para que vem o «Bracarense» com estas cousas? d'estes despropositos poderei concluir que o «Bracarense» está do lado do postigo do sol, dos do «Diario da Tarde», os quaes são sectarios e defensores das doutrinas do sr. Sampaio da «Revolução de Setembro»? e como se póde harmonisar com isto aquelles seus artigos d'outro tempo?... Isto é que o partido realista nunca fez: nunca sacrificou a politica a fé, a crença, a fidelidade devida á Igreja, nunca!

E que será de vós, pobre «Futuro», tendo diante um homem decedido a puxar-vos não só pela lingua, mas até pelas orelhas?.. Ora, adeus, o «Bracarense» não se esqueça; não é necessario afiar aquelles punhaes, nem preparar aquelles trabucos, que fizeram milhares de victimas, para resistir aos cacetes de que falla; porque lhe posso dizer que taes cacetes já estão roídos do caruncho; e já que aponta a tal vantagem do systema representativo, de se não privar ninguém de manifestar pela imprensa seus pensamentos, não se agonia porque outros expendam ideas contrarias ás dos meetingueiros do Porto, e do sr. Sampaio da «Revolução de Setembro», e defendam o catholicismo; deixe até que os legitimistas defendam suas theorias, cuja pratica out'ora nos fez grandes, e pelo mesmo motivo espero que ouça com mais placidez, o que espero ler no «Futuro».

Braga, 14 de julho de 1872.

Vosso constante leitor

M.

REVISTA ESTRANGEIRA

A's noticias fidedignas da «Gaceta» da completa pacificação das provincias insurreccionadas contra o existente e a favor de D. Carlos VII dam quasi todos os outros periodicos hispanhoes liberaes solemne desmentido afirmando não só, que a insurreicção continua, mas tambem, que as tropas do governo, ou por impossibilidade ou por medo, evitam encontrar-se com os carlistas.

A «Independencia» em carta, que de Matató com data de 3 lhe escrevem, diz, que a partida de Guin em força de 60 homens

bem armados e equipados percorreu n'um dia só as povoações de Dosrius, Cabrera e Cabrills, nas quaes satisfizeram promptamente todos os gastos, que fizeram, dando vivas a D. Carlos VII, á religião e aos fóros da Catalunha.

O «Eco das Asturias» liberal e portanto insuspeito condemnando a sublevação, que reputa em agonia, noticia, que Vicente Sanchez o Tirriu, a quem appella d'incorrevel e antigo partidista da velha causa, commandando 60 homens se apresentara em Pola de Siero, e que Faes, (notem bem), depois de receber terminante negativa dos seus soldados, apparecera em Laviana com 30 homens recrutados na provincia de Leon.

O «Imparcial» affirma, que Mitequia, alcaide de Lizaza tendo saído do povo com varios voluntarios para fortificar a ponte d'Atallo, e adiantando-se muito com mais tres individuos, fora surpreendido e apriornado por uma partida de 20 homens, que se dirigiu depois para Azpirna; mas tendo noticia, de que a perseguiam forças do exercito e de voluntarios deram liberdade ao alcaide.

O «Diario de Barcelona» affiança, que uma partida carlista commandada por D. Ramon Vila visitara o povo de Santo Hilaro, á qual se juntou outra, e que formavam ambas uma força de 100 homens bem armados com armas iguaes ás da tropa amadeista, as quaes, disseram elles, foram tomadas na acção d'Arbucias. O chefe da segunda partida é o sr. Vidal, que tinha no dia antecedente penetrado em Monseñ.

A «Esperanza» publica com data de 5 uma carta de Ciudad-Real, que diz ter Marconell com 200 homens bem armadas percorrido os povos de Carrion, Torralba, Pozuelo e Fuensata, povoação de banhos, onde foram muito bem tractados por D. Daniel Garcia dono d'uma casa de pasto, que não queria receber o importe da despeza, mas que, a acceitou a instancias de Marconell.

Seguiram d'ahi para Ballesteros, onde estava uma columna amadeista, com a qual, fortificada n'uma casa, sustentou um pequeno tiroteio, que foi causa da morte d'um paisano curioso, que ao sahir para a rua em obsecração recebeu uma bala; os carlistas retiraram afinal para as serras visinhas sem perdas nenhuma.

Esta mesma carta affirma, que foram fuzilados 13 carlistas pela columna do tenente coronel Cortigo, que os torturou horriavelmente, e que a officialidade do regimento de Barcelona indignada com este procedimento celebrou uma reunião não só para protestar contra este facto, mas tambem para solicitar ao governo a passagem para outros regimentos.

E' certo este vilissimo e barbaro facto, porque outros periodicos liberaes o denunciam.

N'outra carta d'Olot se affirma, que a partida de Cánova, que ainda á poucos dias apenas contava 55 homens, consta já de 230 com vinte cavallos, e que podia ter já mais de 1:000 homens se houvesse armamento.

Além d'isto accrescenta, que o resultado do indulto do general Baldrich foi o aprezentamento de dous *cypaios* desobedientes, jogadores e insuportaveis, e de tres rapazes e um velho, que com os dous primeiros foram despedidos por Estartús, porque, em caso de perseguicção, não podiam acompanhar a partida.

Os carlistas tornam a dar signaes de si na Castella Velha, porque além da partida

organizada em Sierra Cabrera existe outra levantada de novo em Santa Gadea.

Para mostrar aos impacientes e incredulos o que é e o que vai ser a insurreicção carlista transcrevemos o seguinte periodo d'uma correspondencia de Pamplona, inserida na «Politica». — «Para os espiritos superficiaes, que não veem ao longe, já não ha carlistas em a Navarra: para mim porém e para muitos outros, que vemos as cousas por differente prisma, o socego apparente dos carlistas mais não é, do que uma tregoa ou descanço para se organizarem bem e perfeitamente e para se levantarem em maior numero e com maiores brios».

E depois d'isto accrescenta de sua lavra o mesmo periodico, — «A opinião das pessoas visadas de Bilbao agouram ás provincias Vascongadas um futuro não menos li-songeiro, do que o predicto pelo nosso correspondente á Navarra» — e comprava isto dizendo, que — «o cura Berraundo é um verdadeiro pirata de terra, — porque esteve á dias em Onate, a cujo alcaide tirou o dinheiro das bulas, ao qual tambem escreveu de Eidar, para onde tinha retirado, dizendo, que pozesse em liberdade um cunhalo d'elle, que tinha sido prezo como espião, porque, se o não fizesse, mataria elle quatro *crisinos*, que tinha em seu poder, ao que o alcaide, temeroso, deu cumprimento, dando liberdade ao prezo.

A «Redencion del Pueblo» publica uma carta de Mont-blanc, que diz terem n'aquella povoação entrado o general Sanz e os irmãos Cendrós com uma partida de 230 homens, que obrigaram os habitantes a entregar-lhes todas as armas, tanto brancas como de fogo, e os cavallos, e aos quaes se reuniram, segundo lhe consta por communicação fidedigna, 30 mancebos.

O «Imparcial» diz, que n'um povo proximo de Bilbao se levantou uma partida carlista bem armada e equipada.

A «Esperanza» de 9 affirma, que em Lienna houvera um combate entre as forças do brigadeiro Rosas e tropas amadeistas, cujas ultimas tiveram sete mortos e varios feridos, e sobre o aparecimento da partida carlista proximo a Bilbao diz:

«A aparição d'uma nova partida perto de Bilbao é a confirmação plona d'algumas importantissimas noticias, que em cartas da Viscaya e da Navarra nos acabam de communicar, mas das quaes nada dizemos, porque imperiosissimos deveres nos obrigam a uma grande reserva.

O «Pensamiento» publica uma correspondencia da Catalunha com data de 7, que diz ter Saballs sustentado um combate com a columna de Hidalgo, á qual matou um commandante, alguns officiaes e muitos soldados fazendo-lhe além d'isto muitos feridos. A parte official do brigadeiro Hidalgo confessa isto mesmo, mas é fama, que morreram muitos mais soldados amadeistas do que elle diz. A mesma carta diz, que Castells dera um combate em Ripoll as tropas do governo sobre as quaes alcançou uma completa victoria.

Os periodicos liberaes hispanhoes de 10 do corrente sam concordes todos em dar á sublevação carlista immensa importancia confessando não só, que augmentam em numero e gente, mas tambem, que tem derrotado as tropas amadeistas, incendiado wagons da via ferrea e desarmado muitos voluntarios, sendo recebidos em todas as povoações com provas de muito affecto.

A «Esperanza» de 10 diz, que houve uma acção em Ipinaburu, na qual Valasco sem perder um só soldado derrotou a co-

houvessem de ser levantados: á qual proposta El-rei mandou passar Alvará, que tivesse vigor de lei feita em córtes; e o mesmo rei D. João IV, príncipe legitimo, e Restaurador da Patria presta o dito juramento, dizendo: — Juramos, e promettemos de com a Graça de Nosso Senhor vos reger, e governar bem e direitoamente, e vos administrar inteiramente justiça, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, merez, liberdades e franquezas, que pelos reis passados nossos antecessores foram dados, outorgados e confirmados.

V

Em 24 d'Agosto de 1820 a revolução mudou o governo monarchico de Portugal em representativo, cujo movimento tendeu a dar um dos grandes abalos á Nação Portuguesa; pois como mostra a experiencia: — O excesso de movimento social decompõe as nações, assim como a falta do mesmo movimento as prolonga na sua infancia.

A 9 de março de 1821 se reúne uma assembleia revolucionaria, incognita nas instituições portuguezas, e usurpando o nome das antigas córtes, fórma as bases de uma nova constituição, e obrigou El-rei a jurar-lhe. Foi então que a Senhora D. Carlota Joaquina, digna emula de D. Luiza de Gusmão e unica superior a toda a fraqueza, recusou jurar a constituição que os

jugo das leis Normandas sobre a Inglaterra subjugada, não fallaram com mais altivez, e guardaram melhor os ditames da justiça. Não foram assim as legitimas córtes de Lamego, quando D. Alfonso 1.º, já aclamado rei no Campo d'Ourique, reconhecido Rei pelo Pai commum dos Christãos, e rodeado dos prelados, fidalgos, e procuradores do povo Portuguez, lhes fez dirigir estas palavras: — Quereis vós que D. Alfonso Henriques seja vosso rei? O príncipe, recebida a corda das mãos do Arcebispo de Braga, lhes disse: — Eu sou, pois, vosso Rei; e porque sou tal, façamos leis, pelas quaes se governe em paz nossa terra.

O Senhor D. Pedro não foi aclamado, e só o podia ser, jurando o pacto, pelo qual D. Alfonso 1.º foi rei. Elle é um príncipe ausente e estrangeiro, e os actos do príncipe ausente e estrangeiro são reputados nulos pela decisão das córtes de Lamego em 1843, e de Lisboa em 1644. O príncipe não diz na sua Constituição fundamental: — Façamos leis; mas sim: Sou servido decretar —.

Por ventura teria D. Pedro direito de dispôr de Portugal no meio do senado Brazileiro? Por ventura Pedro Alvares Cabral descobrindo o Brazil, procuraria n'elle dominadores? Certamente não.

Diz mais D. Pedro no art. 75 § 14: «As principaes attribuições do rei são: conceder, ou negar o Beneplacito aos decretos dos concilios, e letras Apostolicas, e quaesquer outras constituições ecclesiasticas»

que estava em pleno vigor pela carta de lei de 4 de Junho de 1824.

Em 10 de Março de 1825 falleceu o magnanimo monarcha, o Senhor D. João VI, deixando sua Filha a Serenissima Senhora infanta D. Isabel Maria Regente do Reino, enquanto o legitimo herdeiro não desse as providencias; pois o Senhor D. Miguel, que tinha vencido a rebellião, e libertado seu pae, se achava em Vienna d'Austria como em desterro; mas bem depressa appareceu entre nós a carta de 29 d'Abri! de 1826, forjada em Lisboa pelo Palmella, Barradas, Porto Santo e sir Charles Stuart, levando-a este ultimo ao Brazil, e reconduzindo-a a Lisboa por ordem do Imperador, se publicou em Portugal trez dias depois que se soube, no Rio de Janeiro da morte do Senhor D. João VI, a qual é pernicioso á Religião do Estado, e contraria á equidade e aos direitos adquiridos como se vê pelo seu exame; pois principia:

«D. Pedro por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves: Faço saber a todos os meus subditos Portuguezes, que sou servido decretar, dar, e mandar jurar immediatamente pelas trez ordens do Estado a Carta Constitucional abaixo transcripta, a qual d'ora em diante regerá esses meus reinos, e dominios, e que é do theor seguinte».

Clovis, vencedor dos Romanos e dos Gaulezes, estabelecendo a lei Sálica; Guilherme, o conquistador, fazendo pezar o

rebelles lhe impozeram, e escreveu a El-rei seu marido, dizendo: — De mim se dirá: a rainha guardou inviolavel a dignidade do Diadema, não deixando se manchasse o seu esplendor; e quando testas coroadas, que empunhavam o sceptro e a espada, succumbiram, ella se manteve firme e impavida... Ao aproximar-se a primavera deixarei o Vosso Reino, a terra onde reinei, e onde fiz algum bem. Irei e participarei dos perigos de meu irmão. Eu lhe direi: não poderam dobrar minha resolução, estou em desterro, mas a minha consciencia está pura, pois me lembro do sangue que corre em minhas veias.

A 21 de Fevereiro de 1823 se arma o conde d'Amarante para libertar a patria, e aquella heroína, que não jurou a Constituição, escreve a seu augusto filho o Senhor D. Miguel, e lhe diz: — O instante é chegado, meu filho, é necessario obrar, pega na tua espada, e prova que existe realza em tuas veias. Eu tenho tudo preparado, estam-te esperando, confia que has de triumphar. — E com effeito á sua voz concluiu-se o triumpho. E a 31 de Maio do mesmo anno declarou El-Rei o Senhor D. João VI abolida a Carta revolucionaria, dizendo: Quando a maioria d'um povo se declara tam aberta e hostilmente contra as suas instituições, estas carecem de reforma.

A 4 de Junho de 1824 passou El-rei o Senhor D. João VI uma carta de lei, que punha em vigor a antiga Constituição do

luma de tropa amadeista, que teve quinze mortos e muitos feridos, entre os quaes alguns mui gravemente.

Aspe que por causa da velhice e de doenças não podia suportar as fadigas da guerra, acolheu-se ao indulto depois de ter entregado a seu filho o commando da partida.

A nova partida que se organisou nas visinhanças de Bilbao consta de setecentos homens perfeitamente armados e uniformizados.

As partidas da Galiza principiam agora a multiplicar-se e a crescer, porque as precauções do governo são immensas.

Para desmentir-sas as conscienciosas noticias dos que por cá copiam a viridica «Gaceta de Madrid», que não cessou ainda, post tot tantisque victorias amadeistas, de nos repetir, está completamente pacificada toda a Hispanha, traduziremos de «La Voce» o seguinte periodo.

Tomaram-se já todas as medidas para que no momento dado seja protegida a retirada, (talvez quizessem dizer fugida), de D. Amadeu, ao que «A Nova Roma» acrescenta: «Depois de publicar os thelogrammas ordinarios, segundo os quaes tudo terminou, e D. Amadeu vai visitar o campo das glorias do indulto, circulos e triangulos, diz-nos o que Lanza recebeu nos thelogrammas, que lhe manda D. Amadeu. Os despachos de Hespanha (hoje 3 de julho) são pouco satisfatorios e não mui claros, e as noticias bastante contraditórias, talvez, porque os carlistas continuam resuscitando por causa da malevolia e reprehensivel conducta da França, que lhes fornece armas e dinheiro».

Agora «El Puente de Alcolea» do dia 10 acrescenta: «Ante hontem á noute corria como certa e segura a noticia de que Tristany tinha entrado em Gerona com as forças do seu commando; não se dizia porém o resultado de tão temeraria empreza, que os amigos do governo desmentiam e negavam.

«La Redencion del Pueblo» diz, noticiando a coragem dos liberaes e amadeistas dispostos para o combate, que o chefe Barrens com 200 homens dos seus percorria os povos circumvisinhos de Reus reunindo novamente os que formavam a partida, que tinha entrado n'aquella cidade, e que uns carreiros disseram que os haviam visto em Barjas em numero de 600 homens.

«El Imparcial» publica o seguinte: «Em Poblans appareceu a guerrilha commandada por Ventosa em força de 130 homens e alguns cavallos, que exigiu em Ponte d'Armentera trez mil pezetas» e a isto augmenta: «Segundo noticias de Quirós e Sieros, provincia d'Oviedo, as guerrilhas Rosas e Valdés em numero de 200 homens percorrem aquelles concelhos levando homens e recolhendo as armas dos particulares.

«El Pensamiento» diz: «Segundo nos affirmam de Palencia, percorrem aquella provincia algumas partidas carlistas.

«Um chefe carlista mandou ha dias um officio á empreza dos caminhos de ferro dizendo-lhe que podiam circular livremente os trens com tanto que não conduzissem tropas nem material de guerra, e que se isto não cumprissem, se via obrigado a adoptar disposições severas».

«La Imprenta» publica o seguinte trecho: «Recebemos uma carta de Vilaverd, que nos diz, que as partidas carlistas, que vagueiam por aquelle paiz, formam uma força de mais de mil homens, que fazem suas correrias por determinados pontos estrategicos descaçando algumas vezes nas povoações e dividindo-se outras em pequenos grupos para evitarem a perseguição das tropas».

E apesar d'isto a «Gaceta» continua dizendo: «En el resto de la Peninsula no ocurre novedad. — Que bella «Gaceta»!!!

SECCÃO NOTICIOSA

«Ao «Bracarense». — Ainda a imprensa não tinha tempo de ler a noticia da nossa local a respeito da recepção do Sr. D. Luiz, n'esta cidade, e já o «Bracarense», denodado campeão do actual ministerio, tocava a rebater nos arraiaes do liberalismo, gritando: aqui d'El-rei contra o «Futuro».

E porque gritou o «Bracarense» contra nós, e ninguém o acompanhou nos seus gritos de socorro? Seria por todos sabermos como se fez a recepção do Sr. D. Luiz em Braga? Talvez.

Pois já que os seus camaradas não tem vindo a este apello vimos nós que não inferior camaradagem temos levado com o nosso collega da imprensa.

E, visto que fallamos em camaradagem, hom é que antes de deixar-nos este ponto, não passemos além sem dizermos uma cousa, que agora nos lembrou, — nunca pensamos, fallamos verdade, que o «Bracarense» com quem temos vivido em paz fosse o primeiro, não a exigir de nós a indicação dos factos a que alludimos, pois, então o fariamos pelo mesmo caso que fosse feita a pergunta, mas sim a tratar-nos tão grosseiramente que algumas vezes chegou a insulto.

Julgamos, então, ser acertado o nosso intento de, em poucas palavras, responder ao «Bracarense»; já porque todos sa-

biam o jornal com quem discutiamos, já porque todos, sobejamente, conheciam o quanto eram falsas as noticias a respeito da recepção do Sr. D. Luiz, tão de proposito espalhadas, não para lisonjear o «augusto» representante da actual dynastia, mas para defender os desacertos do actual ministerio.

Porém é verdadeiro, apesar de velho, o rifão: «aquelle que o seu amigo poupa, nas mãos lhe vem a morrer»; e como o «Bracarense» saltou por cima de todos os favores feitos por um partido, a quem insultára, só pelo puro amor da verdade, nós também esquecemos a condição humilde de jovens legitimistas para nos lembrarmos, sómente, das offensas ao partido a que pertencemos e da verdade que idolatramos.

E, antes de passar-mos á narração, sigamos passo a passo a primeira e segunda locaes do nosso collega, para que não aconteça julgar levar-nos de vencida, parecendo ver-nos fugir á discussão ou escolher o que mais favoravel nos é, pelo simples facto de nos limitar-mos a um ponto de preferença a tantos outros.

Começa de notar o «Bracarense» que somos tão desavergonhados em nossa linguagem que não damos ao sr. D. Luiz o tratamento de rei.

Com effeito; não deve surpreender ninguém o extranharmos estes dizeres na bocca do illustre redactor do «Bracarense» que, como todos sabem, não é nenhum neophito em politica.

Pois, não sabe, ha muito, o collega, qual o nosso programma, qual a nossa bandeira, quaes os nossos principios em religião e politica? logo para que chama desavergonhamento a uma coisa que é a consequencia unica de principios que admittimos e defendemos?

Quer o «Bracarense» que chamemos ao Sr. D. Luiz rei, e porque não lhe o havemos de chamar, com respeito, se elle é rei de facto?

Como tal, e só como tal, é que se explica a nossa obediencia exigida pela lei e pela tranquillidade publica.

Mas, dirá o «Bracarense»? e porque não chamais ao Sr. D. Luiz rei de direito? e nós perguntar-lhe-hemos: e n'esse caso em que se differenciaria o nosso do vosso systema?

Se, por força, nos quereis arrancar a affirmativa da ultima pergunta, então teréis em resposta uma convicção mentirosa; e a liberdade que apregoaes, será uma palavra vã, ou antes, um despotismo dissimulado.

Serieis mais concludentes se, em vez de nos exigirdes tal resposta, nos acimaisseis a bocca e nos fizesseis pedaços a pena com que, legalmente, manifestamos nossas convicções.

Mas acompanhemos o illustre collega nas suas reflexões suggeridas pela nossa primeira local.

A boa criação e a verdade, diz o «Bracarense», ficam bem a homens que escrevem para o publico.

Para mostrar-mos ao collega que temos boa criação, apesar de sermos novos, porque ainda somos jovens, e apesar de tratar-mos, sempre, o collega melhor do que merece, ahí vai uma prova, que não é mais nem menos do que a verdade, isto é, o que se passou na occasião em que o Sr. D. Luiz esteve n'esta cidade.

A rua Nova de Souza, contando 59 casas, apenas 12 appareceram illuminadas na primeira noite, e 14 na segunda.

A rua do Souto tendo 38 casas apenas 28 se illuminaram.

A rua de S. Marcos, que em illuminações de regozijo publico sobresahe sempre, tinha 40 casas illuminadas, quando ella se compõe de 65.

O Largo da Sé tinha 3 casas illuminadas.

A Praça d'Alegria 2. O Campo de D. Luiz 6.

Emquanto ao resto o collega enganou-se certamente, com os lampeões de gaz que illuminam todas as ruas e tomou-os por demonstrações de regozijo; publico; aqui lembraremos ao collega o adagio de que nem tudo o que luz é ouro.

Ainda mais. Não será verdade que o Sr. D. Luiz, quando chegou ao arco da Porta Nova, vinha acompanhado por muitissimos rapazes de Frossos, S. Jeronymo e da cidade, os quaes gritavam: Viva o Sr. D. Luiz, abaixo as fúntas?!

Um garoto chamado Cyrino recebeu 500 reis para dar vivas, na segunda feira, ao lado do carro do Sr. D. Luiz. Alguem no Bom Jesus do Monte andou a convidar gente para dar vivas; e, porque um nosso amigo a isso se recusasse, aquelle altercou com este d'um modo indecente.

Um lente do Lyceu com mais alguns liberaes, aliás respeitaveis pelas suas qualidades, pediram aos que se achavam dentro e fóra do Theatro para que victoriassem o Sr. D. Luiz; e não poucos estudantes se recusaram fazel-o, bem assim rejeitando bilhete gratuito dado para esse fim.

E' verdade que grande numero de gente o esperava na entrada da cidade, mas não sabe o collega qual a intenção dos que

alli se achavam? a curiosidade sómente; nem d'outro modo se pôde explicar a frieza do povo que, á vista do real viajante, ficou mudo.

D'este facto deu testemunho o imparcial correspondente d'esta cidade para o «Jornal do Porto» e «Primeiro de Janeiro».

Censura-nos o Collega por dizermos que os empregados, na sua maioria, foram os que deram provas de regozijo publico; e porque não, se isto foi um facto que todos presenciaram? E, quem ha ahí que se atreva a expor-lhes tal procedimento? pois não devem elles, ser como empregados, fieis e dedicados vassallos de seu real amo? Nunca os desconsideramos, nem jamais o faremos, por tal procedimento; porque entendemos que cumpriram um dever; e apenas apontamos o facto, isto é, a origem das ovações, para que se não diga que fóra de toda a cidade o que foi só exclusivo d'um punhado de homens a quem sempre respeitamos, porque entre elles ha muita intelligencia a admirar e não poucas qualidades a respeitar.

Se o collega se der ao trabalho de perguntar na rua Nova de Souza quem andou a pedir para que as casas fossem embandeiradas, cousa que a muitos se negaram, saberá que foi um empregado. Um empregado foi, ainda, quem andou, na mesma rua, a destrubir flores para serem lançadas sobre o carro do real viajante.

Sabe-se, tambem, que um viva dado ao sr. Fontes, em frente do palacio, onde estava o Senhor D. Luiz, fóra recebido com gargalhadas.

Agora, uma pergunta inoffensiva: que diz a isto o collega? provavelmente o que disse na primeira local, onde se limitou a affirmar, e não se quiz dar ao trabalho de provar, por exemplo, quando disse:

Quer que lhe citeiros nomes? (refere-se aos que celebraram a visita do Senhor D. Luiz) seria uma tarefa difficil porque não acabariamos nunca, e demais seria ridiculo procurar provas para convencer a cidade do que ella praticou etc. etc. etc.

Em fim, o amor tem loucuras; e poucos ha, que nos excessos do coração, não deixem desvaír a intelligencia; e o «Bracarense» se viu mais do que realmente foi, não é culpavel n'isto; foi fiel a um sentimento que resulta da convicção de principios: attendeu á voz do coração e não á voz da observação.

Agora permitta-nos o collega que o sigamos nas ruas d'amargura, por onde quiz arrastar-nos, e pedimos-lhe que se demore, um pouco commosco, a reparar nos insultos que nos cuspira na face.

Não podendo abafar a verdade com falsas noticias fal-o com o pezo de gratuitas insinuações e accusações injustas.

Pucar-lhe-hiamos (diz o Collega) pelas orelhas!!!

Declaramos com franqueza ao collega, que não esperavamos esta de quem tem recebido de nós boa camaradagem, provas de educação e do nosso partido favores não pequenos.

Custa-nos e muito que o «Bracarense» com sua linguagem descomedida, aonde revela ou falta de educação ou falta de tolerancia politica, envergonhe com sua defeza, que mais parece accusação, um partido que, apesar de adverso ao nosso, tem n'esta terra sabido comportar-se melhor commosco do que o está fazendo o «Bracarense».

Se o collega não quer respeitarnos os principios, porque tambem nós lhe não respeitamos os seus, respeite-nos a personalidade de porque sempre li'o temos feito e faremos apesar de tudo.

Somos mancebos e bem sabemos que a nossa voz não é autorisada porque nos falta a experiencia, mas é firme e corajosa porque é filha de convicções que tem tanto, senão maior, direito a serem respeitadas como as do collega.

O «Bracarense» quando falla na liberdade de imprensa pela qual cada um pôde manifestar o seu pensamento, está em contradicção commigo mesmo; pois pelo simples facto de apparecer quem o contrarie na sua historia ou narração de factos ameaça pucar-lhe as orelhas.

Que logica é esta? Que liberdade é esta? por um lado pôde cada um manifestar o seu pensamento, e por outro lado se o manifesta, puxa-se-lhe pelas orelhas?

Pobre partido liberal, pobre partido liberal, se o «Bracarense» fosse o orgão dos seus principios, de tuas opiniões e ideias!

Mas, diz mais o «Bracarense» que o «Futuro» tem, quotidianamente, insultado o partido liberal; que suspira pelo despotismo; que se tem mostrado amante do cacete, etc.

Enganou-se, em tudo, o collega; nunca insultamos ninguém; temos, unicamente, apresentado a historia com sua irrevogavel sentença.

O partido liberal respeitamol-o sempre enquanto ás pessoas e detestamol-o enquanto ás ideias e principios, porque a verdade é uma só e a caridade de ser multiple, isto, é, deve estender-se a todos sem distincção d'um só.

Nunca suspiramos pelo despotismo; cem vezes o temos dito e jurado; cem vezes temos confessado que houveram abusos mas que uma classe não se faz cargo do que pratica um ou outro membro; os abusos não provam nada contra a legitimida-

de d'um principio, antes o provam. E qual a cousa mais santa de que se não tenha abusado? Se esta fosse a consequencia unica a tirar, nada haveria que resistisse á lima do tempo e ao golpe da destruição.

Amantes do cacete não o fomos nem o somos, nem o seremos, jamais, senão quando á mingua de ferro, nos fór preciso defender-nos de quem nos offenda ou com o roubo, ou com o sacrilegio ou com a violencia pessoal; e emprazamos o collega a que nos mostre um numero do nosso jornal, aonde tenhamos defendido as doutrinas que nos accusa.

E que dizer da sonhada fusão entre o partido legitimista e o partido historico?

E', realmente, outro inimigo que o «Bracarense», linge, para como D. Quichot de La Mancha, debellar, mostrando assim os serviços que presta á causa da patria. Por ser esta a unica ideia da segunda local, a que ainda não respondemos, fal-o-hemos em poucas palavras.

Tão ligados estamos com o partido historico como com o partido regenerador: esta é a verdade; nem mais nem menos. Do partido historico, como nos outros, deparamos actos que merecem a nossa approvação e por tanto o nosso respeito e homenagem.

Se nos encontramos com elle a combater o actual ministerio, é porque ambos temos o mesmo fim, embora os meios sejam diversos.

A paz que o «Bracarense» diz haver entre nós e o partido historico, será tão duradoura como a que havia com o partido regenerador antes d'elle desconsiderar o povo.

A todos respeitamos e respeitaremos, seja qual fóra a sua cor politica, quando obrem o que é justo e conforme com os principios da ordem religiosa e social.

Os foguetes. — A auctoridade administrativa, cumprindo uma portaria do ex.º sr. governador civil, prohibe que seja lançado fogo livre, ou do ar, em qualquer ponto central da cidade; porém fiquem sabendo os leitores que ha na portaria uma excepção e é: não se intende esta lei com os festejos reaes, mindeiros, etc. etc. A não ser assim, não se pôde comprehender como no meio da cidade se lançassem duzias de foguetes na occasião da visita do Senhor D. Luiz e na commemoração do dia 8. Senão é aquella a razão, então será esta: para nós os liberaes não ha lei; e a liberdade não é para os outros senão emquanto nos faz conta.

Não se queixem, depois, se o povo fizer excepções na lei, á qual exigem obediencia!!!

Pergunta innocente. — Não poderá dizer-nos a respectiva auctoridade, qual foi a razão, porque, n'estes tempos de tanta liberdade, prohibiu os = vivas a Pio IX = no dia, em que se festejou a sua exaltação ao solio pontificio e não prohibiu no dia 8 do corrente os = vivas a Victor Manuel e a alguns outros? = Somos, como filhos d'Eva, demasiado curiosos, e por isso fazemos, com o devido respeito, esta innocentissima pergunta.

Pedradas. — Consta-nos, que no dia 8 atiraram com pedras á columna, que no campo de Sant'Anna se tinha erigido para festejar o desembarque dos sete mil e quinhentos bravos.

Reprovamos este procedimento por indigno, porque pôde dar motivo aos nossos contrarios politicos de dizerem do partido legitimista o mesmo que injustamente lhe imputam.

Lembrem-se os auctores da façanha, que a caridade christã manda sim detestar e fugir do erro, mas votar affecto e amor aos seus seguidores. E' isto, o que deve observar todo o catholico e legitimista.

Galera. — Appareceu no dia 8 no vasto lago do jardim um immenso navio, vogando á mercê dos ventos e das fortes vagas, apesar de prezo por uma amarra de... barbante.

Dizem alguns murmuradores de marca x, que esta lindissima galera fóra «li posta para representar ao vivo o desembarque dos dignissimos libertadores da patria nas praias, ditas por elles do Mindello, que ficaram por este facto memoraveis.

Parabens. — Felicitamos, e commosco todos os verdadeiros catholicos, as duas bandas de musica d'esta cidade, Filarmonica bracarense e Filarmonica dos artistas, pelo seu honroso procedimento no dia 8 de julho, que sendo convidadas e instadas pela commissão dos festejos d'esse dia para tocar o hymno de Victor Manoel, recusaram-se inercialmente a isso dizendo alguns membros d'estas musicas que preferiam antes quebrar os instrumentos que tocar o hymno de um dos maiores inimigos da Igreja e do Papa.

Castigo do ceo. — O nosso excellento collega do Porto o «Direito» transcreve d'uma carta d'Hintzheim, datada de 4 de Junho, o seguinte, digno de menção: «Levo ao seu conhecimento dois factos d'um castigo directo do ceo contra duas pessoas protestantes que tiveram a audacia de insultar a SS. Virgem e o Santo Padre. O blasphemo contra a Virgem é um operario de Mulhouse; foi castigado com a cegueira no momento de proferir a blasphemia; o outro é um estalajadeiro de

Pfaffenhoffen (Baixo Rheno) que pintou, em caricatura, o Santo Padre acompanhado de um cão, que está ladrando: este individuo endoudeceu no mesmo instante».

Contra a hydrophobia. — Apenas se capitula por damnado um cão por ter mordido em alguem, matam-n'o ou fazem todas as diligencias para isso; não é acertado; o que se deve é procurar segural-o e prendel-o onde não possa fazer mal, e onde o fiquem observando, para se averiguar se com certeza está ou não damnado.

Todavia a pessoa mordida deve sempre começar a tractar-se desde logo, cortando a parte mordida, sangrando-se no braço, tomando banhos muitos dias a cito, esfregando com mercurio as extremidades inferiores até excitar a salivacão, tomando algumas bebidas aciduladas, e observando uma dieta fresca, humida e laxante.

Os cães atacadas da hydrophobia devem ser mortos antes que principiem a propagal-a, e para isso hom é que todos saibam os symptomas por onde se podem conhecer.

O cão hydrophobico ao principio anda abatido, não quer comer nem beber; anda como cego, a esbarrar pelas paredes; não conhece o dono, não ladra; corre atraz dos outros animaes, mas sem lhe morder, e deita da goela um liquido amarelado mas em pequena quantidade. Depois que o mal se entra a aggravar, não só desconhece o dono, mas quer-lhe morder, cambaleia, cae, torna-se a levantar; forceja por ladrar e não pôde; deita continuamente da bocca uma baba viscosa e nojenta. Finalmente logo que vê qualquer liquido tomase de furia.

Estes ultimos signaes são infalliveis; em elles apparecendo é matal-o seja como fór; e o melhor será não esperar para tarde. Todos estes avisos são uteis, mas convem não perder nunca da memoria o remedio para damnados; assim como por esta occasião nos parece appropositado pedirmos á camara municipal, que para tornar mais facil e prompta a extincção dos cães perigosos, só perdoem aquelles que tiverem dono, e esses os obriguem a pagar tanto por cabeça para as despesas do municipio; nas cidades mormente são os cães artigo de luxo; e quem quizer ter luxo, e luxo que consume pão e carne, pague-o; e assim concorrerá para se realisarem muitas obras uteis a que por falta de dinheiro se não chega.

Carta de Victor Cousin a Pio IX. — E' notavel este documento de que nos dá conta um jornal francez o «Monde» Victor Cousin era, inquestionavelmente, pelos seus escriptos philosophicos, o fundador da escola semi-racionalista, chamada ecletista; como tal são immensos os prejuizos que elle tem causado á sociedade e muito especialmente aos mancebos. E quando a Sagrada Congregação do Index tratava de condemnar as obras do philosopho francez é nessa occasião que da sua pena sae uma carta onde se confessa verdadeiro crente e respeitador das leis da Igreja.

E' um passo adiantado na estrada da verdade passo que o immortal pontifice, o angelico Pio IX saberá devidamente avaliar, se elle foi sincera e fielmente dado.

Eis aqui este importante documento: Santissimo Padre

O Senhor Arcebispo de Paris committicou-me uma carta de Vossa Santidade, tão cheia de bondade, e tão digna de paternal coração de Pio IX, que sinto a necessidade de vos exprimir o meu sincero e profundo reconhecimento. Sim, Santissimo Padre, disseram-vos a verdade: longe de nutrir nenhum mau designio contra a religião christã, tenho por ella a mais terna veneração: teria horror de lhe fazer, directa ou indirectamente, a menor offensa, e é no triumpho e na propagação do christianismo que eu ponho todas as minhas esperanças a respeito do futuro da humanidade.

Magoado por ter outr'ora visto as minhas intenções trahidas por falsas apparencias, quiz n'estes ultimos tempos fazer um livro de philosophia inteiramente irreprehensivel; e não me fiando nos meus mais sinceros sentimentos, nem nos meus estudos, nem na minha idade, procurei os conselhos de amigos sabios e piedosos, de ecclesiasticos esclarecidos e auctorisados. Os sacrificios d'amor proprio não são nada para mim á vista do grande fim que me proponho, o estabelecimento d'uma philosophia irreprehensivel, amiga sincera do christianismo!

Se, pois, apesar de todos os meus cuidados e dos de meus doutos conselheiros, algumas paragens nos escaparam que possam inquietar o coração de Vossa Santidade, que me sejam apontadas, e eu as tirarei de bom grado, não desejando senão aperfeiçoar-me sem cessar, e aperfeiçoar os meus humides escriptos. Taes são os meus sentimentos, Santissimo Padre; fiae-vos em vosso coração, e atrevo-me a dizel-o tambem na minha palavra: é a d'um homem que nunca enganou ninguém, e que, tocando o termo da sua carreira, e vivendo retirado, não conhece nenhum interesse na terra capaz de lhe fazer pôr uma mascara, e disfarçar o que elle acredita ser a verdade.

Ponho a vossos pés, Santissimo Pa-

dre, a homenagem do meu respeito filial. VICTOR COUSIN

Os signaes mysteriosos. — D'um jornal francez tiramos a seguinte carta di-

A imprensa, ainda a mais desviada não se atreveu ainda a negar estes factos;

Eis a carta que é mais um documento, um testemunho a favor do que dissemos:

«Minha querida tia. Estamos muito impressionados com o que acontece actualmente em Strasburgo.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

Nos periodicos opportunamente aqui chegados, annunciou-se, a modo de jogo das escondidas, a sahida do Sr. D. Luiz ás provincias.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

CORRESPONDENCIAS

Ponte de Lima 30 de junho de 1872

O liberalismo nas suas phantasmogorias expansões é sempre ruídozo, mas também sempre abjecto.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

são logica que mil desenganos lhe tem feito aprender. Metrificica a sua miseria, e entre ella e os europeis da ephemera grandeza de seus oppressores, vê uma distancia em que se lê—o desprezo—a constancia, a prudencia e esperanca.

EXPEDIENTE

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o ill.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Vianna, o ill.º snr. Luiz Francisco Pereira, rua da Picota.

Em Lamego, o ill.º snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

ANNUNCIOS

MODISTA.

Acha-se n'esta cidade uma modista, vinda de Lisboa, que faz chapéus, vestidos e mais objectos pertencentes a senhoras.

«Quem quiser utilizar-se do seu prestimo póde dirigir-se á rua dos Falcões n.º 3. (72)



COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

Paquetes a sahir de Lisboa em direitura ao Rio de Janeiro. LUSYTANIA a 4 de Junho—CUZCO a 19 de Junho—MAGELAN a 5 de Julho.

Para tratar na rua da Boa Vista n.º 1 em Braga. (71)

Neste novo estabelecimento encontra-se um variado sortimento de livros de missa de diferentes encadernações, livros de devoções e obras scientificas de muitos escriptores catholicos.

Além d'isso tem á venda um variado sortimento de estampas e terços de bonitos gostos, medalhas e muitos outros objectos religiosos.

No mesmo estabelecimento recebem-se commissões de livros que não desdigam do caracter da Livraria.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Catholica, na rua do Souto em Braga.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

«Mas porém não faltará quem cante alto os enthusiasmos e festejos espontaneos d'este povo, iremos nós com a prevenção de verdadeiro, se bem que pouco habil chronicista, dizer o que houve.

moralis universae, 1802. 2 vol. enc. 500

Beltrão (J. D.)— Breve tratado da actual disciplina da Igreja Lusitana, 1817. 1 vol. 4.º 300

Benedicti XIX (S. D. N.)— Constitutiones selecte, nec non bullae, decreta, epistola, etc. Parochis, confessoris etc, 1784. 2 vol. 4.º gr enc. n.ºm. 720

Benedicti XIX (Pastoral de N. SS. Padre), de gloriosa memoria, sendo cardeal arzbispo de la Santa Iglesia de Bulonica, e instruccioes ecclesiasticas para su diocesi; traducidas del toscano por el R. P. Fr. Facundo Raulin, 1773, 2 vol. 4.º enc. 800

Bergier — Dictionaire de theologie morale, édition augmentée du plan de la theologie, 1858. 4 vol. 4.º enc. 2:400

Berardi. (C. S.) — Decretalium professorum commentaria in jus ecclesiasticum universum, 1789. 2 vol. 4.º gr. enc. 800

Cavallario — Institutionis juris canonici, ac. sex tomos distributae. 1796. 6 vol. 4.º enc. 12:000

Defensor (O) da religião -- em palestras religiosas, em socorro dos R. R. Parochos, com homilias para todos os domingos, em disputas com incredulos, motivo e origem d'estas disputas. Catecismo Catholico pelo Defensor da religião, 1837-1840 14 vol. 4.º enc. em 7 vol. 2:500

Garrett — A dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Christo segundo as meditações de C. A. Emmench, 1842. 1 vol. 4.º enc. 400

Gomes (V.) — A biblia da natureza ou a religião Catholica demonstrada pela natureza e razão, 1856. 1 vol. 4.º 300

Le Febvre — A unica religião verdadeira demonstrada contra os atheos, deistas, e todos os sectarios. Trad. por Angelo dos Santos, 1781. 1 vol. 8.º enc. 250

Pape (Du) — par l'auteur des considerations sur la France, 1819. 2 vol. 4.º enc. 500

Royumont — Historia Sagrada do velho e Novo Testamento, com explicações e doutrinas dos SS. Padres; — trad. por L. P. da Silva ed. 1791. 2 vol. 8.º enc. 400

Salame et M. Gelabert. — Regula clerici, ex sacris litteris sanctorum patrum monumentis, ecclesiasticis que sanctionibus excerpta, 1829. 1. vol. 8.º enc. 360

Serafim da Conceição (Fr.) — Novo confessor instruido na pratica do confessoriao; doutrina extrahida da escriptura, Concilios, santos Padres etc. 1814. 4 vol. 8.º enc. 800

S. Luiz (A.) — Mestre de ceremonias, que ensina o rito romano, e serafico aos religiosos da reformada, e real provincia da Immaculada Conceição, 1780. 1 vol. f.º enc. 1:440

Thomaz dos Reis (A.) — Methodo da liturgia Bracharense em que se expoe fundamentalmente e com clareza o modo de celebrar com a devida perfeição o Sacrosanto sacrificio da Missa assim rezada, como cantada etc., 1837. 1. vol. 4.º gr. 500

Villa do Conde Carneiro. (Fr. Franc.) — Dissertação theologica e canonica, em que se mostra serem devidas por diferentes principios as oblações, 1794. 1 vol. 8.º enc. 200

Araujo — Cursus theologicus 1734 2. vol. f.º enc. 1:000

Azevedo — Discursos morales en las fiestas de la Reina del cielo nuestra Señora. 1602. 1 vol. f.º enc. 800

Berli — Opus de theologicis disciplinis. 1760 7 vol. f.º enc. 3. 2:000

Calmet — Prolegomena e dissertationes Sacrae scripturae. 1734 2 vol. f.º enc. 1:200

Ceremonial — monastico reformado da congregação de S. Bento de Portugal 1820 1 vol. f.º enc. 2:000

Conceição. (Mel. da) — Ceremonial serafico e romano para toda a ordem Franciscana, 1730. 2 vol. f.º enc. 1. 2:000

Constituições synodales do Bispado do Porto, novamente feitas e ordenadas por D. João de Souza, 1690. 1 vol. f.º enc. 1:500

Du Hamel — Biblia sacra. vulgatae editionis 1748. 2 vol. f.º enc. 2:000

Hugonis de S. Charo Opera omnia in universum vetus et novum testamentum 1703. 8 vol. f.º enc. 4:000

Le Blanc — Psalmorum davidicorum analisis, 1726. 6 vol. f.º enc. 3:000

Nogueira — Expositio Bullae cruciate lusitana, 1716. 1 vol. f.º enc. 600

Reiffensuel — Theologia moralis brevi. clausaque methodo comprehensa, 1758. 2 vol. f.º enc. 1. 600

Roncalli — Universa moralis theologia qua non solum principia &

ad usum confessoriorum, 1736. 2 vol. f.º enc. 1. 600

Salmonicensis — Cursus theologiae moralis, 1734. 6 vol. f.º enc. em 3 vol. 2:400

Thomassino — Vetus et nova ecclesiae disciplina circa beneficia et beneficiarios, 1730. 3 vol. f.º enc. 2:000

Vieira (F.) — Voz evangelica que nos mudos os caracteres etc. 1708. 1 vol. f.º enc. 1:000

NOVO PAROCHO INSTRUIDO NAS MATERIAS MORAES PARA O EXAME SYNODAL, INDISPENSAVEL A TODOS OS PAROCHOS, E CONFESSORES, ILLUSTRADO COM O DIREITO MUNICIPAL NAS PARTES COMPETENTES, E DIRIGIDO POR SEU AUTHOR PARA UTILIDADE DO CLERO BRACARENSE.

Obra posthuma do P. Fr. Serafim da Conceição. Vende-se em casa do sr. Francisco Manoel Gonçalves, rua Nova n.º 10. 2 vol. . . . 500 rs.

Discurso pronunciado no Congresso Catholico na cidade da Virgem por Alfredo de Barros Pinto Ozorio, estudante do 3.º anno juridico na Universidade de Coimbra. Vende-se nas livrarias Catholicas do Porto e Braga por 100 reis.

A Prophecia d'Orval, ultimamente tão celebrada e vertida em todas as linguas, faz parte d'um pequeno volume de Prophecias que se acha á venda na Livraria Catholica, Braga, rua do Souto 39—Porto, Praça de D. Pedro 131—Lisboa, rua nova d'El-rei 75, por 200 rs.

Quem quiser possuir com este volume de Prophecias a Historia do Anti-Christo tem que mandar mais 100 reis.

Nas mesmas livrarias se encontra á venda o Mez do Sagrado Coração de Jesus por 200 reis.

Photographias de Pio IX com a sua biographia, vindas directamente de Roma, 100 rs., pequeninas photographias a 40 reis. (64)

OBRA MORAL E RELIGIOSA

Philosophia da internacional, por A. Delaporte, versão portugueza por M. J. de Mesquita Pimentel. Preço por assignatura 200 rs.

Vende-se na Livraria Catholica n'esta cidade e no Porto na Livraria do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua d'Almada. 360

O MARINHO DO GALEGOIA TRADICÇÕES DO ORIENTE POR Henrique Peres Escrich TRADUZIDA POR Antonio Moreira Bello.

Preço 1\$200 Esta obra é a mais bella e esplendida da litteratura christã até hoje publicada, e elogiada por toda a imprensa do paiz.

Vende-se em todas as livrarias. A Livraria Catholica Portuense, editora d'esta obra, praça de D. Pedro n.º 131 Porto, incumbem-se de satisfazer com promptidão qualquer pedido que lhe façam os senhores livreiros das provincias.

ÇAFAATE EUCHARISTICO OU O MEZ DE JUNHO CONSAGRADO AO AUGUSTO MYSTERIO DO ALTAR PELO Padre José Maria Vieira da Rocha

Vende-se na Livraria Catholica rua do Souto. Preço 240 reis.

VOZES PROPHETICAS ou aparições e predições, tiradas principalmente dos Annuaes da Igreja, a respeito dos grandes acontecimentos do seculo XIX e do proximo fim dos tempos; pelo padre M. Ourique.

Vertidas de lingua franceza por M. F. M. e Souza. Vendem-se por 250 na Livraria Catholica e na livraria de E. Chardon.

Vida do Nosso SS. Padre Pio IX POR M. VENET. — VERSÃO POR M. F. M. e Souza.

Vende-se por 60 reis, na Livraria Catholica, rua do Souto, e na livraria de E. Chardon.

EDITOR M. J. V. da Rocha.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1873

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Livros em segunda mão á venda na Livraria Catholica, Rua do Souto e na Livraria d'Eugenio Chardon, Largo dos Terceiros — Braga.

Antoine (G.) — Compendium Theologiae